

VISÃO DO CORREIO

Guarda compartilhada, obrigação conjunta

O IBGE divulgou, na quarta-feira, o informativo Estatísticas do registro civil. O levantamento, referente ao ano de 2022, foi realizado ao longo de 2023 junto a 7.282 cartórios de registro civil, 7.792 tabelionatos de notas e 4.653 varas. Os dados da pesquisa comprovam mudanças no comportamento das famílias brasileiras.

Um recorte do estudo aponta 420.039 divórcios concedidos em 1ª instância ou estabelecidos por escrituras extrajudiciais, o que representa um aumento de 8,6% em relação ao total contabilizado em 2021, que foi de 386.813. Como consequência, houve um acréscimo na taxa geral de divórcios: o número para cada 1 mil pessoas de 20 anos ou mais de idade passou de 2,5 (2021) para 2,8 (2022).

Já o tempo médio de casamento caiu. Em 2010, era de cerca de 16 anos. Em 2022, o número passou para 13,8 anos. Nas consideradas grandes regiões, esse período variou de 15 a 17,1 anos, em 2010, para 12,7 a 15,3 anos, em 2022.

Com as separações em escalada, o relatório revela a realidade das novas configurações familiares. De acordo com os números, a taxa de casais divorciados com guarda compartilhada dos filhos menores cresceu pelo oitavo ano consecutivo, saindo de 7,5% em 2014 para 37,8% em 2022.

A Lei 13.058, sancionada justamente em 2014, tornou obrigatória a guarda compartilhada inclusive quando há desacordo entre os pais, o que pode explicar a estatística. Mas será que, mesmo com o aumento nos registros, as crianças e os adolescentes estão passando tempos iguais com os genitores?

A profunda alteração no modo de vida das mulheres — que, cada vez mais, têm aspirações de carreira — leva à readequação dentro dos lares pelo país. Em 2014, em 85% dos divórcios a guarda era passada à mãe; em oito anos, a porcentagem caiu para 50%. Fica evidente o efeito que a rotina feminina no trabalho tem provocado na criação dos filhos.

No papel, a divisão de responsabilidades está clara, com a exigência de que pais que não morem na mesma casa têm obrigações iguais e precisam garantir o bem-estar dos filhos. A

prática, porém, mostra que as mães ainda assumem um papel maior nesse processo.

Desde a simples distribuição de dias com cada um dos responsáveis e passando pela agenda de atividades e cuidados amplos, a balança segue pendendo para as mulheres. Não raro, os homens assumem ficar com os filhos apenas nos fins de semana e, em inúmeros casos, a cada 15 dias.

Mesmo que não haja equilíbrio, a presença ativa no cotidiano dos filhos é uma garantia judicial, apesar de ser possível aos ex-casais combinarem adequações. E esse ponto é fundamental, já que o entendimento parece ser o melhor caminho em direção ao principal objetivo: minimizar para os filhos os reflexos dos conflitos da separação.

A participação plena dos pais e das mães na vivência faz a diferença na educação dos menores. Os pequenos pedem a orientação e o exemplo dos adultos, especialmente dos seus responsáveis diretos. O vínculo afetivo, sob a ótica psíquica, é fundamental e deve ser preservado.

Tirar a “carga” maior da convivência com as mães não é apenas uma questão de respeitar a lei. É, acima de tudo, cumprir o dever de fazer o melhor possível para os filhos. Exceto quando a guarda compartilhada oferece um risco, estar junto da mãe e do pai é necessário.

O modelo escolhido para fazer a relação funcionar é único para cada família e, normalmente, acatado pelo Judiciário. Porém, assegurar um ambiente seguro e definir uma rotina são pontos levados em consideração.

Se morar com as mães é decisão praticamente unânime, como também é predominante o desejo delas em ficar com os filhos, encontrar um meio de convívio harmônico conduz ao ponto ideal para todos. Por direito, por dever e por amor, os homens precisam encarar a plenitude da paternidade. A evolução no comportamento da sociedade e as melhorias nas leis vêm colocando novas possibilidades diante da tarefa de educar, porém ainda há desafios a serem enfrentados. A separação não pode ser motivo de dor para os filhos. Evitar esse sofrimento e proporcionar um crescimento saudável é obrigação conjunta dos pais.



PALOMA OLIVETO
paloma.oliveto@cbpress.com.br

As cordilheiras de cada um

Algumas histórias são contadas várias vezes em família, despertando o mesmo interesse em quem as escuta. Desde criança, ouvi, sempre com espanto, minha mãe narrar a improvável odisséia de jovens atletas uruguaios que se acidentaram nos Andes chilenos. Para sobreviver, tiveram de comer os cadáveres dos que sucumbiram à queda do avião.

Na nossa narrativa doméstica, o roteiro era acrescido dos enjos que a notícia provocou na minha mãe, grávida de quatro meses. Um programa de televisão exibiu, com destaque, a foto de uma perna, metade comida. Para uma gestante com idade próxima à dos garotos, aquela história foi marcante não só pela compaixão desperdada, mas pelas terríveis náuseas que a acompanharam até o nascimento da minha irmã.

Fenômeno de audiência na Netflix e nos cinemas, o filme A Sociedade da neve reconta o trágico acidente de avião sofrido pelo time de rúgbi Old Christians, no fim de 1972. Em vez de optar pelo sensacionalismo, o diretor espanhol Juan Antonio Bayona conquistou o público ao retratar a coragem e a dignidade daqueles jovens, que fizeram um pacto de solidariedade: “Se eu morrer, pode se alimentar do meu corpo”.

O filme de Bayona segue o roteiro do livro homônimo do jornalista uruguaio Paulo Vierci, que intercala os detalhes dos 72 dias que se seguiram à queda do avião com o comovente depoimento de cada um dos que voltaram dos Andes.

Tudo, nas 435 páginas, impressiona. Mas, para além da epopeia em si, é impactante a compreensão, por parte dos sobreviventes,

de que nenhuma dor deve ser minimizada, e que a nossa não é maior do que a de ninguém. “Todos atravessam sua própria cordilheira”, diz o cardiologista Roberto Canessa, responsável, na época, por convencer os colegas a recorrer à antropofagia.

Em seu depoimento a Vierci, o empresário Carlitos Páez conta que, quando chegou em casa, a mãe revelou, “em tom dramático, que nossa cachorrinha chihuahua tinha morrido”. Na hora, estranhou: ora, não tinha ele perdido 29 amigos? Páez, porém, não estava se desfazendo do sentimento da mãe. Ao contrário: “O que me levou a compreender que prazer e dor são relativos e subjetivos, que não existe um ‘dorímetro’ nem um ‘angustiómetro’ para medir o sofrimento”.

Há 11 anos, minha mãe morreu, três meses depois do falecimento do meu pai. Uma de suas últimas referências à tragédia dos Andes foi comparar os enjos do tratamento agressivo com as náuseas dos tempos do acidente aéreo. Algumas semanas antes de ela ser internada pela última vez, um amigo me contava o quanto estava triste pelo fim do namoro. No meio da conversa, pediu desculpas e disse que aquilo não tinha importância. Como se estivéssemos comparando nossos “dorímetros”...

Temos de respeitar a travessia de cada um. Algumas podem parecer mais acidentadas, mas, para quem as enfrenta, a dificuldade é a mesma. Ao sobreviver a um inverno rigoroso, à fome e ao dilema ético de comer os corpos dos amigos, 16 jovens uruguaios deixam uma importante lição, além da resiliência: a pior cordilheira é aquela da qual tentamos sair.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Anos de chumbo

O período que vai de 1978 a 1985 abrange o final do governo Geisel, a posse do general Figueiredo e a eleição de Tancredo Neves, pelo Colégio Eleitoral. Os dramáticos acontecimentos foram relatados minuciosamente pelo jornalista Elio Gaspari, em coleção sobre os chamados *Anos de Chumbo*, título do livro de contos de Chico Buarque e de Luiz Octávio de Lima, que tratam da repressão militar, considerados por Noam Chomsky como “um mergulho profundo no golpe de 1964, episódio amargo na onda de terror e repressão (...)”. Análise abrangente desse período doloroso e crítico da história moderna do Brasil, em toda a sua rica variedade e complexidade, constituindo duras e urgentes lições para os tempos atuais. (Chomsky, 2020). Carlos Chagas em *A ditadura militar e os golpes dentro dos golpes*, com enfoque no período de 1964 a 1969. O teatro brasileiro também enveredou no tema e outros autores o aprofundaram, usando a palavra chumbo: *Lágrimas de chumbo*, *Dias de vinho e chumbo*, *Memórias do Chumbo*. Em 2021, Flávio Tavares lançou *O golpe derrotado* e, em 2022, *O general estava Nu*, de Flavia Hartmann. Sem falar na série monumental de livros do Elio Gaspari. O livro de Chico Buarque é de 2022. Seus contos conduzem o leitor em um verdadeiro labirinto de surpresas, perversidade, desalento e delírio. Acabamos de viver uma nova tentativa de golpe, como se não bastasse o sofrimento, a solidão e as torturas desse período sombrio. Que precisa ser lembrado, para que não mais exista ditadura entre nós e a democracia prevaleça como um fim em si mesma, para que voltemos a viver sem medo do amanhã.

» **Thelma B. Oliveira**
Asa Norte

Izalci no PL

A entrada do senador Izalci no PL de Brasília e do presidente Bolsonaro reforça o número de candidatos do partido para governar o GDF em 2026. O partido conta com a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro, com a senadora Damares e com a deputada federal Bia Kicis e tem mais o ex-senador tucano para tentar levar o GDF para a legenda na próxima eleição. Resta esperar que eles não briguem para derrotar o PT em Brasília.

» **Carlos Pedrosa**
Brazlândia

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Os remendos das pistas do Cruzeiro Velho e Novo estão dando sinal de que não vão durar muito tempo. Enquanto isso, estão reformando calçadas que foram trocadas no ano passado.

Marlon Barros — Cruzeiro Velho

O azeite está tão caro, mas tão caro, que o prato principal nesse Domingo de Páscoa foi “azeite ao bacalhau”

Milton Cordova Júnior — Águas Claras

A edição do **Correio** deste domingo foi uma aula aos desumanos que defendem a ditura, o regime do terror. Parabéns à brilhante equipe do jornal.

Joaquim Honório — Asa Sul

Para quê 1º de abril, se as pessoas mentem todos dias? 1º de abril, Dia do Político Brasileiro.

José R. Pinheiro Filho — Asa Norte

nas e periurbanas podem ainda contribuir para o aumento do consumo de hortaliças pela população influenciar os aspectos cultural, pedagógico, terapêutico, na saúde física e mental, entre outros, nos participantes das mesmas. Abrace essa ideia!

» **Warley Nascimento**
Brasília

Maria Paula

Excelente a crônica da Revista do **Correio** escrita por Maria Paula (31/3), que começa com uma frase lapidar: “Durante toda história, as mulheres deram à luz absolutamente a todos os seres humanos que pisaram neste planeta”. Em outras palavras, não existe um ser humano “filho de chocadeira”, todos nós necessitamos de um útero para podermos ter nascido. Por isso é que nunca entendi o porquê de algumas etnias tratarem as mulheres como seres de segunda categoria, como só acontece em alguns países do Oriente. Como bem disse Maria Paula em sua crônica, é no mínimo estranha a resolução do CRM do Rio de Janeiro em querer impedir que mulheres possam optar por terem seus filhos em suas residências, sob a supervisão de enfermeiros e profissionais afins. Isso é um passo para trás em direção às orientações de alguns países orientais.

» **Paulo Molina Prates**
Asa Norte

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO Presidente	
Leonardo Guilherme Lourenço Moisés Vice-Presidente executivo	Ana Dubeux Diretora de Redação
Valda César Superintendente de Negócios e Marketing	

VENDA AVULSA			ASSINATURAS * SEG a DOM
Localidade	SEG/SÁB	DOM	
			R\$ 899,88
DF/GO	R\$ 4,00	R\$ 6,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine (61) 3342.1000 – Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8945 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.

ANJ
AGÊNCIA NACIONAL DE JORNALISMO

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e DA Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS 

D.A. Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br